

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, J.O. (2004). Desporto: discurso e substância. Porto: Campo das Letras.
- BENTO, J.O. (2008). Formação de mestres e doutores: exigências e competências. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física.
- BENTO, J.O. (2012). Corrida contra o tempo: posições e intervenções. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física. Campinas: Centro de Estudos Avançados.
- BENTO, J.O. (2014). Por uma univercidade anticonformista. Porto: Editora Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- BENTO, J.O. & CONSTANTINO, J.M. (2007). Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito. Coimbra: Almedina.
- BENTO, J. & MOREIRA, W (2012). Homo sportivus: o humano no homem. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física.
- MESQUITA, I. & BENTO, J.O. (2012). Professor de educação física: fundar e dignificar a profissão. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física.

AUTORES:

Zélia Matos ¹

Amândio Graça ¹

**Jorge Olímpio Bento,
o pedagogo do desporto**

¹ Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto,
Portugal

INTRODUÇÃO

Poderemos supor que o seu nome do meio, Olímpio, lhe terá aguçado desde menino a curiosidade e o fervor por galgar montes e lançar o olhar para o alto, para o que está mais além, no que podemos sintetizar, já sabedores da sua experiência de vida e de pedagogo, para o *citius, altius, fortius*, para os jogos e o estádio, para a cultura grega, para a filosofia, a paideia e a areté, para a paidia e o ludus, para ética e a estética, para o *homo sportivus*, para a dedicação da vida à educação e ao desporto, irmanados na fé da perfeitibilidade de um ser que se quer mais humano, numa fusão de corpo-alma, razão e paixão. Tal como Jorge, o cavaleiro que não renuncia à sua fé e enfrenta a besta luciferina para livrar o bem do cativo, o certo é que Jorge Bento (JB) tem na sua vida veios de um cavaleiro andante, de um paladino do desporto, que faz da palavra a sua espada, da escrita lavrada o seu campo de batalha e da ética e estética o seu mote essencial.

A contextualização do trabalho de JB como pedagogo é duplamente necessária. Poderia ser supérflua se nos animasse a compreensão da sua obra na realização da ação prática desportivo-lúdico-motora, na concretização prática da matéria pedagógica expressa por JB. Todavia, a nossa escolha, que subsiste por si mesma, é **realçar a dimensão da obra pedagógica de JB**, solta da prática desportivo-lúdico-motora concreta a que se possa destinar, não se tratando de abordar só a **dimensão cognitiva das reflexões escritas** por JB sobre o desporto, as ciências do desporto e, em particular, sobre a **pedagogia do desporto (PD)**. Junta-se a esta razão outro argumento: compreender que a mudança e o desenvolvimento daquilo que cada ser humano produz são coevos da uma dimensão mais universal da vida, a do aperfeiçoamento progressivo do ser humano que tende para uma perfeição para a qual se orienta o mundo.

Centramo-nos nas obras escritas de JB, sobretudo nos livros principais que sistematizam, na ação teórica implícita, a estruturação do pensamento e das propostas de PD de JB. A recensão desse material atravessa o título da obra¹, as análises do sumário/índice, os diferentes capítulos e da bibliografia – de modo a abrigar a fidelidade ao conjunto da obra – sem esquecer os critérios de cientificidade apresentados por JB (BENTO, 1995), das problemáticas da PD mais tradicionais (BENTO, 1995, 2006) e das emergentes (BENTO, 1999, 2004, 2006) e dos autores mais relevantes em que JB se apoia na sustentação das suas posições.

Estas escolhas “metodológicas” levam-nos, com alguma liberdade criativa, à estruturação do texto em “fases” que apresentamos de forma resumida e que especificam o percurso do discurso de JB, sempre no macrocontexto teórico das CD, antecedidas por uma breve contextualização sócio histórica do tempo e do espaço em que decorre todo este trabalho de JB como Pedagogo.

UM CAMINHANTE EM VIAGEM

UM PEDAGOGO DA PALAVRA

Como nos adverte Foucault (2004, p. 27), “*a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea*”. Deve colocar-se como possibilidade a emergência de descontinuidade, de rutura, de transformação, o que, em JB, num primeiro olhar de superfície, parece confirmar-se. Há história e há circunstâncias, há crescimento e amadurecimento, há encruzilhadas e novos caminhos, desvios, despedidas e, às vezes, reencontros; há avanços e recuos, acrescentos e supressões, repetições e reformulações, realce e penumbra, texto e contexto.

Enquadrar o trabalho de JB, descortinar razões para algum vai-e-vem e para o retorno regular a temas já tratados, é imprescindível para a compreensão da sua obra. Disso mesmo dá conta o autor quando, na republicação do texto “Teoria-prática, uma relação múltipla” (BENTO, 2012), com muita singeleza, remete o leitor para a conjuntura e os problemas da época em que o texto foi pela primeira vez publicado: “*Peço-lhe que situe o texto no contexto, isto é, na luta de uma área (Ciências do Desporto) que pugnava pelo seu reconhecimento académico e social, por adquirir uma imagem de respeitabilidade pública, convicta de que isso somente era possível, se lograsse estabelecer e consolidar a sua especificidade disciplinar, perante as loas encantatórias sopradas pelas tunas da simpática, cativante e lesiva interdisciplinaridade superficial*” (BENTO, 2012, p. 15).

¹ O título de uma obra não é só o título de uma obra. Ele é um referente cultural de uma época, traduz traços da história das mentalidades.

JB insiste na compreensão contextualizada das palavras que escreve, com a finura clara de quem vê a importância de **olhar para o todo** e, por conseguinte, de denotar melhor o desenvolvimento gradual e as metamorfoses do seu trabalho: “*De vez em quando, é recomendável proceder a um balanço e a uma remissão crítica das posições defendidas e dos caminhos andados...*” (BENTO, 2012, p. 13), reforçando a importância da dimensão histórica, dizendo “*De resto, a propensão para descartar o passado, em nome do futuro, é juvenil e insana*” (BENTO, 2012, p. 15).

Outra particularidade reside no facto de a obra de JB não se perfazer nem transitar em via de sentido único, estreita e linear. Não se amanha disciplinadamente aos cânones da academia. É obra prolixa, escrita com o gosto de quem gosta do seu idioma, de usar metáforas e outras figuras de estilo, de dar espaço aos seus estados de alma e de citar poetas e escritores ao lado dos autores especialistas da sua área de trabalho: “*Quando, por exemplo leio Miguel Torga, Guimarães Rosa ou Machado de Assis, a sublimidade e simplicidade dos registos e palavras, com que eles tecem o retrato das criaturas e lugares, fazem-me submergir numa torrente de emoções...*” (BENTO, 2006, p. 9). E a importância da palavra não é assunto menor, porquanto se liga não apenas a uma necessidade imperiosa de clareza conceptual, mas sobretudo de tornar perceptível o lado fenomenal do desporto: “*ora aquilo que não tem ou não merece palavras não existe, não é mostrado e tende a desaparecer. Porquanto não é o real que cria as palavras; são estas que criam o real ou, no mínimo, o tornam visível*” (BENTO, 2006, p. 12)

E é com a palavra que JB dá forma ao mundo da “sua PD”, num processo aberto, alargado e que deambula tantas vezes por temas afins à sua própria PD, mas sempre preocupado com a razão última para se estar na PD: **a qualidade da formação do ser humano**. JB fá-lo com o empenhamento militante de quem cuida de temas em geral preteridos por aqueles que sobrevivem muito bem discorrendo sobre questões mais correntes, com (re)soluções mais respeitadoras do paradigma dominante estabelecido, sem beliscarem carreiras de sucesso ou desenhos de currículos abastados. JB assume para si este imperativo de trazer a debate temas e problemas pouco ou inadequadamente discutidos em Portugal, de abrir caminho e posicionar-se na competição entre paradigmas (LAWSON, 1991), a favor de um paradigma que, no contexto português, podemos considerar emergente², uma vez que chamar o desporto e a PD à discussão científica foi quase uma inovação³ e quase um atrevimento, pelo menos nos termos em que JB o fez.

² Lawson (1991) classifica os paradigmas em emergentes, dominantes e residuais. Ao confronto de paradigmas temos de acrescentar a competição entre subgrupos por posições que lhes permitam definir para todo o grupo o que é realmente trabalho apropriado dentro das comunidades paradigmáticas (Lawson, 1991). As visões do mundo são distintas, competem entre si, e coexistem abordagens muito diferentes: dominantes, residuais (prolongamento do passado) e emergentes (abordagens nascentes que podem prognosticar o futuro) (Lawson, 1991).

³ Se no tocante à PD podemos considerar toda a herança da tradicional EF, marcadamente pedagógica, em relação ao Desporto a história é menos rica. Relembremos, contudo, a obra de 1970, “O Desporto e as Estruturas Sociais”, de José Esteves, em que o Desporto é tomado como fenómeno social.

UM PROTAGONISTA DA MUDANÇA DE PARADIGMA

Pioneiro da Pedagogia do Desporto (PD) em Portugal, no macrocontexto teórico das Ciências do Desporto, JB desenvolve o seu trabalho num tempo de mudanças acentuadas. Mesmo sem recorrer à famosa citação de Ortega y Gasset, da implicação mútua do homem e da sua circunstância, o tempo e o espaço em que decorre, vai marcar de forma indelével o seu trabalho, os caminhos que percorreu e, também, os caminhos que não percorreu. Em suma, as circunstâncias particulares da vida académica de JB, o meio onde o seu trabalho se desenvolveu, bem como tempo e espaço marcados por profundas mudanças nacionais e internacionais são moldura não negligenciável para compreender com alguma profundidade a extensa obra escrita de JB.

De forma breve, podemos dizer que JB protagonizou, em Portugal, a mudança do paradigma da velha Teoria da Educação Física, ligada a um saber profissional (MATOS, 2006), para o paradigma emergente da PD, disciplina científica pertencente ao cosmos da ciência, no qual “ostenta uma dupla proveniência: enquanto pedagogia especial e aplicada e enquanto subdisciplina das Ciências do Desporto” (BENTO, 1999, P. 30). Tanto na cena internacional, quanto em Portugal, as designações Pedagogia de Desporto e Ciências do Desporto estão longe de ser consensuais. Esta diversidade terminológica é um sintoma de problemas específicos da afirmação científica da “área”, que apresenta desenvolvimentos divergentes, materializados em macrocontextos teóricos distintos com designações concorrentes com ciências do desporto, como sejam motricidade humana, ou ciências do movimento humano, (*kinesiology*), ciências da atividade física, ciências do exercício físico, continuando até às resistentes ao tempo ciências da educação física (MATOS, 2013). Deve salientar-se que o surgimento de novas e diversas designações não é um mero jogo de palavras ditado pela moda ou por qualquer outro motivo trivial. O que está em causa é, por um lado, uma reconceptualização do conhecimento e, por outro, a necessidade de corresponder aos novos desafios de diversificação, especialização, cientificação e reorganização da “área” desencadeados pelos problemas e solicitações oriundos das mudanças sociais e dos estilos de vida (BENTO, 1999). É pois num tempo de mudança de paradigma, na esteira de um movimento a nível internacional surgido nos finais dos anos sessenta do século XX, e, em Portugal, com a entrada da “EF” na universidade em 1975⁴, que vai despontar a obra de JB. JB vai ter presente que o seu labor decorre num tempo de profundas mudanças, de muitos inícios e, naturalmente, de muitos confrontos: “...convém ter sempre reservada uma cadeira para a dúvida e “a crença na boa-fé dos outros, sobretudo quando militam em fileiras contrárias às nossas” (2014, P.16). JB valoriza, assim, o desenvolvimento divergente que resultou do processo de cientificação da tradicional “área” de EF em Portugal, cuja face imediatamente reconhecida é a designação distinta (Motricidade Humana vs. Ciências do Desporto)⁵.

⁴ Embora ainda persista a designação EF como prova o nome da sociedade científica da área que continua a designar-se: Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF).

⁵ Decreto-Lei 675/75, de 3 de Dezembro.

Viver em tempo de mudança de paradigma e de um Começo⁶ complexo, aliado às qualidades pessoais de JB, porventura facilita que, desde cedo, se desenhe um pedagogo teórico inconformista. As “fases” da sua obra testemunham a necessidade de dar lugar à lei da mudança que, em tantos dos seus escritos, reclama como fundamental. Um pedagogo resistente quando afirma: “Na presente conjuntura, a resistência constitui-se em palavra de ordem, não obstante a acumulação de cansaço, desalento e desorientação” (BENTO, 2012, P. 14) e quando advoga uma Pedagogia da Palavra Nova e Portuguesa “Por isso a PD tem que ser uma pedagogia da palavra nova, alta e maior, aberta, aumentativa, crescida e substantiva... uma pedagogia que entenda o desporto como um grande investimento no humano e um meio fantástico de revelar o Homem ... Uma pedagogia das razões de educar o Homem no e pelo desporto” (BENTO, 2006, P. 40).

Um pedagogo verdadeiramente reformista, muito consciente do papel da história, é outra faceta desta escultura pedagógica a várias dimensões, que é a obra de JB, capaz de aceitar o desafio de ir contra a corrente, contra o que não é habitual, enfrentar o que estagna e engorda o *status quo*. Um pedagogo que, numa leitura Baumaniana (BAUMAN, 2007), não hesita em escolher a Rutura face à segurança (Prisão), sabendo que é na Rutura que, por um lado, a liberdade se exalta e, por outro lado, se pode gorar o peso do “vil metal da necessidade” que frustra o estabelecimento dessa mesma prisão. A opção pela vereda da liberdade mostra em JB a importância do já, do **aqui e agora**, de não virar costas ao desafio do Fim⁷, que mais não é do que a atualidade do ser, o que se fez. “A distância entre o mundo verdadeiro e este mundo aqui e agora é tecida por uma divergência entre o que deve ser levado a cabo e o que foi” (BAUMAN, 2007, P. 89). É na luta constante, ocupando o seu lugar no tempo, que JB melhor anuncia a tentativa de não chegar ao fim. **E é porque não nega o aqui e agora, o já, que não é um eremita**. Vive antes uma luta contra o inevitável desencanto que começa mal se entra em ação, mal se entra no Meio⁸ em que o Começo⁹ é recordado, desde logo, como núcleo de possibilidades que começam a desvanecer-se. Nota-se em JB que “a recompensa da dor é o risco de chegar a saber, o que significa o conhecimento da presença e da irresolução dos contrários, o destino aporético do ser” (BAUMAN, 2007, P. 79).

UM PEREGRINO JOGADOR COM ALGO DE DEAMBULADOR

JB é, de certo modo, e paradoxalmente na terminologia de Bauman (2007), um peregrino da PD com algo de deambulador, mas que resiste ao típico *flâneur*, puro deambulador, na medida em que JB desdenha de quem se limita, também na construção da PD, a recortar a realidade humana numa espécie de episódios, acontecimentos sem passado e sem consequências, aquele tipo que faz dos congressos e outros encontros científicos, lugares de “menos-que-encontros”;

⁶ Começo na aceção usada por Bauman (2007).

⁷ e ⁸ Também na aceção usada por Bauman (2007).

É um peregrino que rejeita o **vagabundo**, sem raízes, sem sentido de lugar nem de pertença, sem respeito por normas ou critérios, sempre estranho e imprevisível, sem vínculos epistemológicos, abandonando-se à posição anárquica do “anything goes”, que só sobrevive na aquiescência paternalista concedida às bizarras e extravagâncias das “soft sciences”.

É um peregrino que se demarca do **turista**, que, escudado na sua integridade pessoal, não se importa de se entregar à PD como uma atividade marginal. Determinado por critérios estéticos em detrimento de outras dimensões, nomeadamente morais, o que importa ao turista é fazer, aparecer, “produzir” mesmo que nunca esteja no interior da PD, naquilo que importa estudar, esquecendo que, na discussão epistemológica, uma **PD como ciência da ação, reserva à relação teoria prática um lugar determinante nos critérios de cientificidade** (BENTO, 1995, 1999). Mesmo quando desliza, em visitas rápidas, por temas menos íntimos à sua própria proposta de PD, **JB contrapõe-se ao olhar vago do turista** atraído por temas raramente controversos, que reúnem a unanimidade dos roteiros da moda ou, dito de outro modo, se situam nos “*trends*” das agências de financiamento da ciência e nas “*keynotes*” de congressos científicos, demasiadas vezes marcadas pela conveniência das biografias dos autores, bordadas pela trivialidade metodológica¹⁰, repetindo o mesmo assunto à exaustão, em cenários diferentes que, resvalam, assim, de modo fácil e imprudente, para um “escopo” com a densidade de uma *selfie*.

É um peregrino com algo de **jogador, do jogador agonístico que acredita na razão e na paixão e que não vive da pura sorte e do azar**, ainda que viva na ausência de necessidade ou determinação, características do jogo, que alimenta uma PD não inteiramente previsível e controlável – o que pode ser positivo, desde que igualmente se aceite que nada é imutável e irrevogável. Dos quatro sucessores do peregrino, apresentados por Bauman (1995), é no jogador e no deambulador que JB recolhe mais características aplicadas ao seu trabalho como pedagogo: porque o jogador é maleável e ao mesmo tempo esquivo e o que importa, acima de tudo, é a qualidade do modo de fazer PD. Nada mais próximo do que JB defende como missão da PD: **“A pedagogia obriga-se a pugnar pela promoção da qualidade da educação, em condições elevadas de cultura e civilização, iluminado por critérios éticos e humanos.”** (1995, 1999, P.23). E, tal como no jogo há ‘golpes de sorte’, também em JB o Desporto, assumido na sua plenitude de fenómeno social e prática humana, é uma oportunidade inovadora que só quem para ela está preparado a pode perceber e acolher. É neste sentido que falamos de JB como um pedagogo que, produzindo uma vasta obra, corre riscos, navega contra a corrente, conduzindo a sua obra não pela regularidade

¹⁰ Nas palavras de Crum (1996), para os autores norte-americanos parece estar implícito que a investigação em pedagogia do desporto é um assunto trivial, dando azo, assim, à falta de clareza e à confusão conceptuais. Estas afirmações dão evidência inequívoca à proposta de PD apresentada por JB (1995, 2006) quando apresenta a necessidade da pedagogia do desporto se desenvolver à luz da teoria da ciência na sua plenitude.

do algoritmo, mas por uma aproximação heurística dos temas. A sua opção pela PD normativa tem que ver, em parte, com esta característica. Como o tem, também, a linguagem por vezes dura e crua de JB, já que, sendo a sua proposta de PD baseada numa fundamentação antropológica e filosófica, não há lugar para a comiseração, ou mesmo para a cooperação que, não raras vezes, mais não é do que um conluio travestido.

Na sua propensão para o deambulador, JB não se inibe de mergulhar em temas que, sendo afins da PD, não fazem parte das suas problemáticas tradicionais, nomeadamente como ele as organiza (BENTO, 1995, 2004). Face a esta derivação das problemáticas centrais da PD, com tantas questões da prática pedagógica por responder, poder-se-ia insinuar que JB não denota o olhar do peregrino, de atenção ao essencial, necessário ao pedagogo. Pelo contrário, em JB, este deambular é **ser peregrino de outro modo**, é ser peregrino no tempo. Como diz Bauman (2007, P. 89), *“Para os peregrinos no tempo, a verdade está alhures; o lugar verdadeiro é sempre um pouco mais longe, um pouco mais tarde. Onde quer que o peregrino esteja, não é esse o lugar onde deveria estar, nem o lugar onde está em sonhos”*. Não será, pois, de ânimo leve que quem entrega a sua vida profissional ao estudo de uma matéria importante – o Desporto sob o olhar da Pedagogia do Desporto – e à participação ativa na construção desta disciplina nos vai facilitar a explicação para a deambulação por temas e problemas tão variados. Na verdade, JB, além de celebrar a discussão de várias propostas de PD, “vagueia” por diferentes temáticas e adentra na pluralidade e diversidade de problemáticas como forma de concretizar a mudança de paradigma, em que a PD se distingue da tradicional EF, pelo seu esforço de diferenciação e afirmação como disciplina científica e, ainda, modo de adicionar a complexidade que deriva da mudança social que penetra nos problemas do seu objeto e alarga as problemáticas da sua sistemática, numa atualização preocupada da relação teoria-prática (2014). A construção da identidade da PD precisa de recursos para o futuro que só serão possíveis se as bases forem convenientemente lançadas. Ou, como nos avisa Bauman (2007, P. 95), *“a pedra de toque da estratégia de vida pós-moderna não é a construção da identidade, mas a prevenção da fixação”*.

O PERCURSO (DO DISCURSO)

DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR À DIDÁTICA DO DESPORTO

Os primeiros livros de JB são marcados pelas preocupações típicas da EF: justificação da EF na escola, com base em reflexões político-filosóficas, inspiradas no materialismo-dialético, e em teorias da aprendizagem da psicopedagogia. No livro *Dialéctica da Educação Física*, JB (1981) contextualiza o seu questionamento no âmbito da ação do professor de educação física, procurando mostrar que o que se passa na sala de aula, no pavilhão e no ginásio assenta numa conceção da sociedade e do mundo. JB firma já a limitação da designação Educação Física e destaca a importância da existência autónoma do desporto e a

sua valoração como “meio instrutivo e de relação social”, importante para atingir os “objetivos da EF” (BENTO, 1981, P. 19). Demarca-se aqui, inequivocamente das perspetivas aculturais de motricidade humana, nomeadamente das propostas de Le Boulch, muito apreciadas na época. Concebe o homem como um ser biossocial situado na história e formado na cultura. Coloca a cultura física e o desporto numa relação íntima de aferência-eferência. Foca-se na questão da apropriação, unidade de atividade e comunicação: “Somente a apropriação do que é verdadeiramente humano (o quê mais que os objetos culturais?) permite ao homem exprimir a sua natureza, subir a encosta da verdadeira humanidade” (BENTO, 1981, P. 16).

No Livro *Elementos Fundamentais de Psico-Pedagogia*, JB (1986) concebe a atividade como força motriz do desenvolvimento da personalidade: “O homem desenvolve-se, educa-se e forma-se na atividade” (BENTO, 1986, P. 7), a qual se corporiza na relação fundamental entre sujeito e objeto. A atividade “é um processo no qual o indivíduo surge como sujeito atuante numa relação ativa de reciprocidade com outras pessoas, com as condições e tarefas colocadas pela vida, a fim de satisfazer determinadas necessidades” (BENTO, 1986, P. 27). Ao esclarecer o papel da atividade no desenvolvimento da personalidade, ganham importância teorias da aprendizagem que sustentam a ação pedagógica. Sobressai a influência de Vygotsky na sistematização da conceção de ensino apresentada por JB em quadros sinóticos (VER BENTO, 1986, PP. 80-82). Os conceitos de “zona do rendimento atual e “zona do próximo desenvolvimento” balizam a relação pedagógica como processo de cooperação e comunicação, na relação dialética entre ensino e aprendizagem, entre transmissão e apropriação, entre direção pedagógica do professor e autonomia do aluno, que se altera no decurso do desenvolvimento da personalidade do aluno.

O livro *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (BENTO, 1987b) é um manual didático usado amplamente na formação inicial de várias gerações de professores de educação física, reeditado em 1998 e 2003, e que continua a ser uma obra de referência no tratamento das tarefas concretas da didática, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Apresenta o planeamento como meio de racionalização do processo de ensino, de identificação das relações regulares e reguláveis entre ensino e aprendizagem. Como condição básica da direção pedagógica do ensino pelo professor, com base numa abordagem pormenorizada e criativa do programa, o planeamento implica que o ato de ensinar resulta de um processo de decisões intencionais que devem ser tomadas em função da análise da situação concreta¹¹. De forma detalhada, JB apresenta três níveis de planeamento: anual; unidade didática ou temática e, ainda mais pormenorizadamente, o plano da aula de EF. No tocante ao plano da aula de EF, JB junta elementos que poderemos considerar originais face à literatura dominante relativamente à aula, ao tempo, em Portugal. JB apresenta as funções didáticas, que vão dar uma nova compreensão ao planeamento das unidades didáticas, e esclarece a estrutura tripartida da aula, facultando uma leitura mais clara da estrutura externa da ativação geral, da parte principal e da parte final da aula. Ao definir a realização das funções didáticas da aula em estreita relação com as fases da aprendizagem, JB extrai um conjunto de princípios didáticos que permitem direcionar, sequenciar e sistematizar no tempo o ciclo completo de apropriação da matéria.

No livro *Desporto “matéria” de ensino*, JB (1987a), situando-se ainda no terreno da didática, abre campo para um processo de migração para a pedagogia do desporto. No essencial, JB permanece no campo de aplicação escola, dedica-se a mostrar o desporto como matéria de ensino, aspeto que poderia ser irrelevante no Portugal de 1987, dado o facto de o principal conteúdo das aulas já ser extraído das modalidades desportivas. Mas é precisamente a reserva e o preconceito em se assumir de forma inequívoca toda a potencialidade educativa do desporto (em especial, o valor pedagógico da competição e uma compreensão generalizada muito limitada do conceito de rendimento) que mais justifica a publicação desta obra: “Para poder existir na escola, ao lado de outras disciplinas, o “desporto” tem de se justificar e “explicar” pedagogicamente; requer um ensaio didático que explicita o seu contributo específico para o processo de educação. (...) Este empreendimento implica um problema que deve ser analisado sob dois aspetos principais e complementares: Uma conceção pedagógico-didática de um fragmento da realidade sociocultural a ser tratado na escola; a questão do desporto como matéria de ensino e aprendizagem” (BENTO, 1987a, P. 13).

A leitura atenta desta obra poderia ter ajudado em tantas discussões bizantinas que resultam, por vezes, de posições mais ideológicas do que didáticas ou mesmo pedagógicas. Para além de aprofundar e sistematizar os pressupostos didáticos da definição dos objetivos de ensino e de aprendizagem motora preconizados para o ensino do desporto na escola, JB abre um ponto para tratar uma “perspetiva antropocêntrica do desporto e da EF”. Recorrendo sobretudo a Grupe (1984), JB apresenta uma justificação antropológica do desporto, aqui entendido como tríade corpo-movimento-desporto, que se desdobra em jogo-exercitação-rendimento, cujo tratamento deve permitir que todos os alunos possam adquirir um repertório de ações, uma capacidade de ação (competência) para a participação crítica e construtiva na cultura motora, repertório esse que compreende o aspeto técnico-motor ou dimensão operativa; o aspeto interpessoal ou dimensão comunicativa-cooperativa; e o aspeto cognitivo-reflexivo ou dimensão discursiva.

DA PEDAGOGIA DO DESPORTO À CONTEMPLAÇÃO CRIADORA

A publicação do livro *O outro lado do desporto* (BENTO, 1995) expressa já uma verdadeira metamorfose na obra de JB, não apenas no conteúdo, mas também, e sobretudo, na forma da escrita. Essa metamorfose iniciada ainda dentro da fase didática, ganha vulto no capítulo “Novas motivações, modelos e conceções para a prática desportiva” (BENTO, 1991). O desporto, que esteve sempre como tema e problema do seu labor académico, vai deixar de estar confinado à escola, aos ensaios didáticos, às questões do ensino e aprendizagem. O desporto passa a ser olhado do outro lado, do lado de uma pedagogia normativa, que se posiciona como ciência de ação e não se reconhece como ciência empírica; que se funda numa axiolo-

¹¹ Tratada aqui no âmbito mais funcional da decisão didática, a reflexão sobre a ligação teoria-prática vai constituir uma preocupação recorrente na obra de JB.

gia e numa antropologia filosófica, concedendo cada vez mais espaço à filosofia e à literatura, ao discurso ético, estético e poético. No processo de afirmação da PD, JB aprofunda os dois conceitos principais Pedagogia e Desporto. É neste contexto que JB explana o conceito de desporto em sentido lato, sintetizado no modelo plural de desporto. Entende o conceito de desporto, no seu significado mais amplo e multifuncional, com toda a carga de polissemia e polimorfia que o torna apetecível e útil para uma diversidade de clientela e de sentidos que deitam por terra o velho conceito de desporto estreito e fechado sobre si mesmo. (BENTO 1991). JB toma posição sobre limites da ciência, racionalidade científica aplicados à pedagogia e à educação, esclarece os critérios de cientificação de uma área tradicionalmente profissional: lugar da PD na sistemática científica; objeto; metodologia; sistemática; relação teoria-prática; autocompreensão da PD. A cientificação de uma área profissional há de trazer para a ribalta a “relação teoria-prática – enquanto única e útil possibilidade de ligar conhecimento e ação, de pôr em diálogo quem estuda o desporto e a Pedagogia do Desporto e os designados práticos, ou pedagogos do desporto a exercer a sua atividade na Escola como desde sempre, mas agora também alargado aos treinadores e mais ofícios ligados à tradicional área da EF. Estas posições vão ser aprofundadas por JB nomeadamente em 1999, 2004 e 2012.

A defesa intensa do Desporto é a emulação do jogo em JB, que nunca esquece que a PD é uma Pedagogia do Corpo, “corpo que é muito mais do que um organismo, consiste na civilização inteira que criamos a fim de tornar possível a vida” (CORREIA ALVES, 1994 CIT. EM BENTO, 1995, P. 203). Esta ligação pedagogia do corpo – pedagogia do desporto expõe com a precisão necessária um aspeto considerável da substância de JB como pedagogo: a própria evolução do seu discurso sobre o desporto. Uma síntese atrevida poderia ficar-se por: desporto matéria de ensino na escola – desporto ensino da matéria da vida em geral.

Os textos mais ilustrativos da apresentação de um conceito de desporto inovador e da introdução de um novo entendimento do seu significado está bem presente no capítulo “Novas motivações, modelos e conceções para a prática desportiva” (BENTO, 1991). Este capítulo situa a compreensão do desporto nas mudanças no contexto social, nomeadamente na estrutura social, nos valores, no tipo de sociedade de trabalho, cultura e tempo livre, nas mudanças políticas e ideológicas e, com grande destaque para a compreensão do modelo plural de desporto, da afirmação de grupos especiais da população, do reforço do papel da mulher, da mudança no conceito de formação das pessoas e na expansão da consciência do corpo e da saúde. Pressente-se a dimensão prática da abordagem, mas elenca-se problemas a necessitarem de estudo e investigação: pluralidade conceptual; pluralidade da clientela; pluralidade de sentidos e significados, pluralidade de modelos, pluralidade de cenários, pluralidade de práticas. Ainda neste capítulo são apontados princípios orientadores do desenvolvimento do desporto, como que a abrir caminho para o estudo dos problemas da complexidade instalada à sua volta: a teoria a construir sobre o desporto, onde a dimensão pedagógica – a pedagogia do desporto – tem que ter um papel preponderante

para que se reafirme o seu significado humano e pedagógico. No tópico deste texto dedicado ao “desafio à ciência do desporto”, são lançadas as bases da compreensão integral da PD como disciplina científica que vão ser apresentadas e especificadas em publicações posteriores (BENTO, 1995, 1999, 2006).

Ao longo da obra de JB vai aumentando o envolvimento com a pergunta – o que é o homem? – sempre evidentemente com a mira de apresentar um desporto que possa servir uma imagem de homem cuja opção pelo infinito por oposição seja inequívoca: “Homem” que ordena a sua vida para o pólo do infinito, porque não há terceira via: ou a vida é polarizada para o chão ou para o alto” (BENTO, 1995, P. 78). Este namoro com a filosofia vai acontecer amiúde na obra de JB, destacando-se dois aspetos: alicerçar da problemática da Formação (Bildung) desde os autores clássicos até aos atuais (Adalberto de Carvalho, Manuel Patrício, Lenk, Meinberg, Savater) e, nos seus textos mais recentes, uma focalização em autores como Bauman, em que as preocupações se libertam dos limites da PD e da CD para, a partir dos problemas que estes enfrentam, discorrer sobre o homem e a vida atual, muito mais num registo filosófico ou literário do que pedagógico em sentido restrito.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (2007). *A vida fragmentada: Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água.
- BENTO, J. O. (1981). *Dialéctica da educação física*. Porto: Associação de Estudantes do ISEF.
- BENTO, J. O. (1986). *Elementos fundamentais de psico-pedagogia*. Porto: Universidade do Porto, Instituto Superior de Educação Física.
- BENTO, J. O. (1987a). *Desporto "matéria" de ensino*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BENTO, J. O. (1987b). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- BENTO, J. O. (1991). Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In J. O. Bento (Ed.), *O desporto do século XXI: os novos desafios* (pp. 113-146). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- BENTO, J. O. (1995). *O Outro Lado do Desporto*. Porto: Campo das Letras.
- BENTO, J. O. (1999). Contexto e perspectivas. In J. O. Bento, R. Garcia, & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto* (pp. 19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- BENTO, J. O. (2004). *Desporto: discurso e substância*. Porto: Campo das Letras.
- BENTO, J. O. (2006). Pedagogia do desporto: Definições, conceitos e orientações. In G. Tani, J. O. Bento, & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 3-90). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- BENTO, J. O. (2012). Teoria-prática: uma relação múltipla. In I. Mesquita & J. O. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão* (pp. 13-48). Belo Horizonte, Brasil: Casa da Educação Física.
- FOUCAULT, M. (2004). *A Arqueologia do Saber* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- LAWSON, H. A. (1991). Specialization and Fragmentation Among Faculty as Endemic Features of Academic Life. *Quest* (00336297), 43(3), 280-295.
- MATOS, Z. (2006). Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In G. Tani, J. O. Bento, & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 154-184). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- MATOS, Z. (2013). Entre a metodologia e os métodos: Elementos para a investigação em ciências do desporto. In I. Mesquita & A. Graça (Eds.), *Investigação qualitativa em desporto* (Vol. 1, pp. 15-65). Porto: CIFI2D, FADEUP.

AUTOR:

António Fernando Sousa da Silva ¹

¹ Diretor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

"Os que com ele (Jorge Bento) lidaram lhe conferem gratidão, pela sua dádiva ao comum."

JOSÉ CARLOS DE PAIVA

Recordo com emoção o meu primeiro contacto com Jorge Bento, há mais de trinta anos, no gabinete de um saudoso professor e amigo comum: o Prof. Manuel Aníbal Ribeiro da Silva. A nossa empatia nasceu por causas e valores comuns. As nossas funções e carreiras foram permitindo contactos espaçados no tempo. A situação mudou quando fui eleito Diretor da Faculdade de Ciências o que, nos últimos seis anos, me permitiu acompanhar Jorge Bento, na altura diretor da Faculdade de Desporto, partilhando princípios e valores, preocupações e atitudes, em defesa de uma Universidade capaz de assegurar a liberdade académica, a independência da sua investigação e atuar como crítica consciente da Sociedade.

Para escrever sobre o professor universitário Jorge Bento é mais fácil descrever o que se espera de um professor universitário.

De um professor universitário espera-se que seja um líder académico na Universidade e que a sua liderança se estenda à comunidade, particularmente nos assuntos relacionados com a sua disciplina ou área disciplinar. Um professor universitário deve dar um contributo relevante para o conhecimento através da investigação que realize e, ainda, que oriente docentes e investigadores mais jovens. Espera-se que a investigação que realize ou oriente ultrapasse a sua disciplina e acarinhe e apoie a investigação de outros, mesmo em disciplinas relacionadas com a sua. Na sua atuação, o professor universitário deverá ser visto como um modelo de relações e acessibilidade com os estudantes, funcionários e outros docentes, e de envolvimento com a sua Faculdade e Universidade, através da participação, nomeadamente, nos eventos destinados ao reconhecimento dos estudantes ou da Universidade.